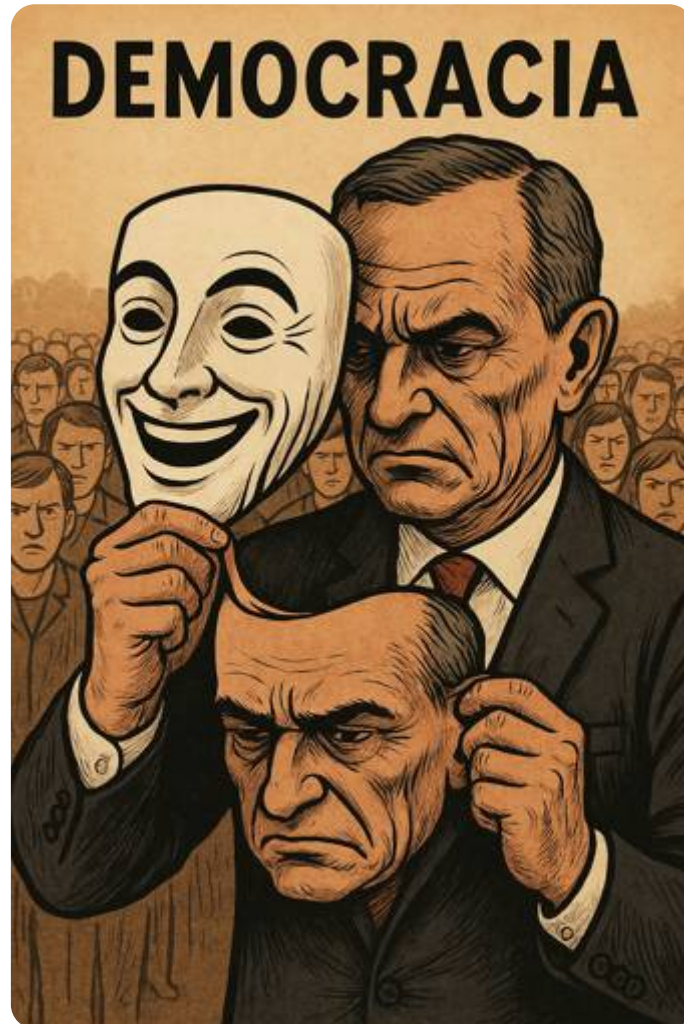




A Ditadura Cândida – Crónica de uma Democracia Fingida

Publicado em 2025-07-19 22:15:14



Portugal diz-se uma democracia. Tem eleições, partidos, uma Assembleia da República, tribunais constitucionais e uma Constituição que promete ao povo direitos fundamentais — habitação, saúde, educação, justiça social.

Mas basta raspar a tinta dourada para ver o que há por baixo: **um regime encenado**, onde os direitos são promessas de papel e o povo, figurante silencioso num teatro que não lhe pertence.

O Jogo das Aparências

Dão-nos o voto como se fosse poder. Mas que escolha há, se os partidos são **clubes fechados**, geridos por carreiristas e oportunistas, onde o cidadão comum não entra nem decide? Elegemos listas, não pessoas. E os eleitos servem mais os seus partidos do que a população que os legitimou.

A “representação” democrática tornou-se um negócio de lugares, favores e sobrevivência partidária.

E os media? Estes, entretêm mais do que informam. Servem quem paga.

O povo? Mantido distraído, endividado, fatigado. E assim se evita a rebelião.

A Constituição como Papel de Embrulho

O **Artigo 65.º** da Constituição promete uma habitação condigna a cada família. Mas milhares vivem em casas degradadas, contentores, carros ou mesmo na rua.

O **direito à saúde** está escrito. Mas esperas de meses por uma consulta transformam esse direito em ironia.

A verdade? A Constituição é muitas vezes **um adorno cínico**, invocada apenas quando convém a quem está no poder.

É um contrato rasgado. Uma promessa nunca cumprida. Uma ficção legal para manter a ilusão democrática.

Ditadura dos Canalhas

A verdadeira ditadura moderna não precisa de censura nem polícia política.

Basta-lhe o controlo da informação, o esvaziamento da educação crítica, o empobrecimento generalizado e a

burocracia.

É uma ditadura de rosto suave — mas de alma podre.

Os canalhas não gritam ordens. Sussurram-nas em gabinetes.
Não impõem com tanques. Impõem com decretos e pareceres.
Não usam uniforme. Usam gravata.

E Agora?

É tempo de rasgar a máscara da encenação.

De exigir uma democracia **autêntica**, feita com o povo e para o povo.

De criar um novo contrato social, onde os direitos deixem de ser promessas decorativas e passem a ser **realidades concretas**.

Porque a liberdade não se agradece — **exige-se, constrói-se, defende-se.**

Artigo de [Augustus Veritas](#)